

Festa Sportiva



Grupo photographado para "A Cigarra...", por ocasião da última festa do Club de Regatas S. Paulo, na Ponte Grande.

Imagem modificada por IA

ESCOTEIRAS E "SEMPRE ALERTA" NA ABE – AGOSTO DE 1915

JOÃO ALBERTO BORDIGNON

BOLETIM HISTÓRICO Nº 76 – MAIO DE 2026

PRINCIPAIS ASSUNTOS ABORDADOS

Página

Capa – Foto dos escoteiros da ABE e sócias da A.A. S.P.

3 – Introdução

4 – O Contexto

6 – A ABE e as sócias da Associação Athletica São Paulo

15 – As Escoteiras

25 – Sempre Alerta

31 – Gênese do Lema “Sempre Alerta”

38 – ANEXO 1 – Notas biográficas das primeiras escoteiras inscritas

INTRODUÇÃO

Dois eventos devem ser ressaltados no mês de agosto de 1915, na história da ABE – Associação Brasileira de Escoteiros:

O primeiro, a notícia de que as primeiras “senhoritas” haviam se inscrito na ABE. Elas seriam conhecidas no futuro como **“escoteiras”**.

O segundo, o aparecimento, pela primeira vez, nas notícias, da menção de **“Sempre Alerta”**, como a divisa ou lema da Associação.

É claro que outros eventos aconteceram durante o mês, tanto em São Paulo capital, como em outros locais, especialmente no interior do estado. Esses eventos serão tratados em outra edição do Boletim.

Neste boletim optamos por usar uma ortografia mais atual em lugar da usada na época das notícias apresentadas.

O CONTEXTO

A primeira guerra mundial continuava na Europa. No país grassava uma seca muito severa no Nordeste. Como as condições climáticas do Nordeste sempre foram propícias a grandes secas, periodicamente elas atingiam proporções catastróficas, principalmente pelo descuido dos governos.

No caso do ano de 1915, as notícias são alarmantes. Os jornais de São Paulo e de outras cidades do Sul e do Sudeste do país reverberavam as tragédias que ocorriam no Nordeste. Notícias de mortes devido à fome no Ceará, Paraíba e outros estados eram comuns.

Em São Paulo, o estado mais rico da nação, a população não ficou alheia ao sofrimento ocasionado pela “*secca do Norte*”, como era mencionado.

Com a ABE não foi diferente. Ações foram tomadas na capital e no interior.

O jornal “O Estado de São Paulo” liderou uma campanha de arrecadação, em benefício das vítimas da seca, que permeou toda a sociedade. As famílias mais abastadas, as sociedades e agremiações de várias naturezas, se envolveram na campanha. O jornal publicava, quase que diariamente, os volumes arrecadados e os responsáveis pelas doações.

No interior do estado, outros jornais e sociedades também se fizeram presentes, enviando dinheiro para ser remetido aos estados afetados pela seca.

A ABE E AS SÓCIAS DA ASSOCIAÇÃO ATHLETICA SÃO PAULO

No início do mês de agosto de 1915, acontece um evento relacionado à campanha que se desenvolvia em favor dos flagelados pela seca.

Como este autor acredita que o evento é um precursor da criação do movimento feminino na ABE, vai ser descrito com detalhes o que aconteceu. Ainda não são mencionadas as escoteiras, mas sim sócias da Associação Athletica São Paulo que fizeram atividade com escoteiros da ABE.

O Correio Paulistano informa no dia 1º de agosto de 1915,

- A Associação Brasileira de Escoteiros, na sua nobre tarefa, correu a prestar o seu auxílio moral às sócias da Associação Athletica "S. Paulo". Assim, os escoteiros, no pedido de óbolos para as vítimas do

Norte, feitos pelas referidas sócias, as acompanharão e auxiliarão.

O chá e biscoitos a servirem na festa de hoje serão fornecidos pela Confeitaria Fazoli e Leiteria Pereira.

Em todos os atos a banda de música da Brigada Policial executara peças de seu repertório.

Na mesma edição:

“A diretoria da Associação dos Escoteiros autorizou uma comissão de escoteiros-chefes, composta dos srs. Roberto de Arruda Botelho, Alcides de Araújo Sampaio e Joaquim Ribeiro da Silva, a fazer uma coleta a favor das vítimas da seca do Norte.

A comissão já visitou vários estabelecimentos comerciais, tendo

angariado, em algumas horas, a quantia de 314\$000, que foi entregue à redação do “Estado de São Paulo”.

É digna de aplausos a resolução dos jovens escoteiros.”

No dia 3 de agosto, o jornal “O Estado de São Paulo”, apresenta um relato sobre o que aconteceu na festa da A.A.S.P.:

ASSOCIAÇÃO ATHLETICA S. PAULO

Realizou-se, anteontem, na sede da A.A. S. Paulo (Chácara General Couto de Magalhães), à av. Tiradentes n. 284, com grande brilho, a festa comemorativa ao seu primeiro aniversário.

O programa foi executado religiosamente, muito embora a chuva impertinente, que caiu no momento, viesse afastar a concorrência e perturbar de certo modo o brilhantismo da festa.

Às 15 horas em ponto, com a presença dos representantes do governo e ao som dos “Conscriptos” executado pela banda de música da Brigada Policial, foi dada a salva de vinte e um tiros e hasteado o belo pavilhão alvinegro do “São Paulo”.

Por essa ocasião, chegou uma turma de escoteiros acompanhada do monitor senhor Orlando da Costa Meira. Esses moços, na sua nobilitante tarefa, foram incansáveis no sentido de tornar efetiva a coleta de um óbolo para os infelizes flagelados do Norte. Cada escoteiro estava acompanhado de uma senhorita, sócia da Associação Athletica S. Paulo, revestida de seu uniforme a marinheira e, munido de bandejas com balas, biscoitos e flores procedeu à venda desses objetos. Por ocasião do chá, eles, em companhia de senhoritas, o serviram.

Não fosse o mau tempo que diminuiu a concorrência, e a arrecadação do óbolo

teria sido maior; a despeito disso, a coleta atingiu a 288\$000. Esta importância será entregue à redação do “Estado de São Paulo”, por uma comissão de escoteiros e sócias da Associação Athletica S. Paulo. O belo gesto dos escoteiros, dando o seu apoio às senhoritas da Associação Athletica S. Paulo, foi imensamente apreciado pela assistência que não se cansou em tecer-lhes os mais francos e sinceros elogios.

Prossegue o jornal descrevendo os eventos esportivos ocorridos, com o batismo de barcos que foram comprados pela Associação, entrega de medalhas à atletas e uma gincana náutica.

Depois continua relatando:

Às 18 horas, foi servido, ao ar livre, o chá, encarregando-se desse serviço os distintos moços da Associação Brasileira de Escoteiros e sócias da Associação Athletica “S. Paulo”, que, como acima

dissemos, foram incansáveis em dispensar toda atenção aos convidados.

Por ocasião de se retirarem os escoteiros, reuniu-se a diretoria, e o sr. Cyrillo Bueno, usando da palavra, agradeceu em nome da associação, os serviços dos escoteiros no desempenho das atribuições que lhe foram conferidas; o sr. Cyrillo agradeceu também o auxílio que prestaram na coleta do óbolo para os infelizes brasileiros que, no norte do país, lutam com a miséria. As senhoritas da Associação Athletica “S. Paulo”, os acompanharam até o portão, levantando vivas à Associação Brasileira de Escoteiros.

Dançou-se até às 24 horas.



Sociedade da Associação Athletica de S. Paulo e Escoteiros, que, na brilhante festa ha dias realisada na Ponte Grande, fizeram uma collecta, cujo resultado ja publicamos, em favor dos famintos do Nordeste.

Foto publicada no “O Estado de São Paulo” de 11 de agosto de 1915”



A mesma foto publicada na revista “A Cigarra” de 24 de agosto de 1915

O jornal “Correio Paulistano”, também relata, no dia 3 de agosto, a sua versão da festa da *Associação Athletica São Paulo*:

A seca no Norte

OS DONATIVOS ANGARIADOS NA FESTA NAUTICA DA ASSOCIAÇÃO ATHLETICA S. PAULO

Durante a brilhante festa náutica realizada, anteontem, pela Associação Athletica S. Paulo, foram arrecadados vários donativos em favor das vítimas da seca do Norte.

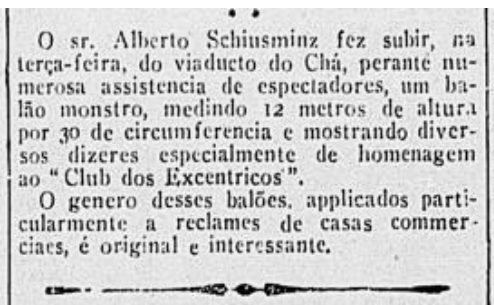
Uma turma de escoteiros que tomou parte na festa incumbiu-se de angariar óbolos, entre os presentes, auxiliados por distintas senhoritas sócias da A. A. S. Paulo.

Os donativos arrecadados e as importâncias provenientes das vendas de doces e flores produziram a importância de 288\$000, que deve ser entregue

amanhã à redação do “Estado de São Paulo”, por uma comissão de escoteiros e sócias da Associação Athletica S. Paulo.

O Club Esperia proporcionou passeios em lanchas, cobrando passagens, cujo produto reverteu em benefício dos infelizes flagelados do Norte.

O sr. Shemming, fabricante de balões reclames, que soltou um balão com inscrições reclames do farmacêutico-químico Silveira, retirou 50 por cento do seu preço, destinando essa importância ao mesmo fim humanitário de socorrer as vítimas da seca.



Informação sobre os balões de reclames - Correio Paulistano de
26 de fevereiro de 1914

AS ESCOTEIRAS

Na história do escotismo brasileiro, tal como contada pelo Almirante Bernard David Blower (História do Escotismo Brasileiro – Volume I – CCME – 1994), e reproduzida por outros autores, o aparecimento do ramo feminino no Brasil ocorreu em dezembro de 1914, organizado pela ABE - Associação Brasileira de Escoteiros. Aparentemente o autor baseia-se em relatos de Mário Sérgio Cardim, datados de 1950, onde ele discutia com a UEB as origens do escotismo no Brasil.

Como pode ser verificado pelos boletins anteriores, que contam a história do início da ABE, nenhuma notícia apareceu mencionando escoteiras antes de agosto de 1915.

No dia 21 de agosto o jornal “O Estado de São Paulo”, publica dentro da coluna da ABE, com o título “ESCOTISMO”, além de diversas notícias sobre o desenvolvimento do movimento na Argentina e no interior do estado, uma parte denominada “ADHESÃO DAS SENHORITAS”. Nela é expressa a menção às primeiras escoteiras da ABE e pelo que se sabe do Brasil.

ADHESÃO DAS SENHORITAS

Uma nota que vai encher de alegria aos propugnadores do escotismo e dar-lhe toda relevância é o fato de já se terem incorporado à comissão regional de S. Paulo cerca de 21 escoteiras pertencentes às nossas mais distintas famílias.

Essas primeiras adeptas do escotismo são as senhoritas:

<i>SOBRENOME</i>	<i>NOME</i>
<i>SILVA PRADO</i>	<i>MARIA HELENA DA</i>
<i>M. BARROS</i>	<i>MARIA EUGENIA</i>
<i>LUNÉ PORCHAT</i>	<i>EDITH</i>
<i>BELLEGARDE</i>	<i>NAIR P.</i>
<i>CARRARA</i>	<i>OLGA</i>
<i>GUEDES PENTEADO</i>	<i>MARIA</i>
<i>NORMANTON</i>	<i>GRAZIELLA</i>
<i>NORMANTON</i>	<i>FRANCE</i>
<i>EKMAN</i>	<i>OLGA</i>
<i>BACKHEUSER</i>	<i>BETTY</i>
<i>BACKHEUSER</i>	<i>HILDA</i>
<i>COACHMAN</i>	<i>LAURA</i>
<i>COACHMAN</i>	<i>JOYCE</i>
<i>AMARANTE</i>	<i>MARINA</i>
<i>VIDIGAL DE CAMPOS</i>	<i>ANGELICA</i>
<i>CAMPOS</i>	<i>MARILIA DE</i>
<i>BAPTISTA DAS NEVES</i>	<i>MARINA</i>
<i>VANORDEN</i>	<i>ZAIRA</i>
<i>VANORDEN</i>	<i>DULCE</i>
<i>TOLEDO</i>	<i>EVANGELINA</i>
<i>CATTA-PRETA</i>	<i>AURORA</i>

O Conselho Superior está organizando o regulamento interno das escoteiras que compreendera os serviços de ambulância, enfermeira, cozinheiras, cantoneiras e outros. As inscrições podem ser dirigidas para a caixa postal 679.

Observação: A tabela foi organizada pelo autor. No jornal os nomes antecedem os sobrenomes. Os nomes, publicados por Mário Cardim em 1915, devem ser considerados mais confiáveis que os relatados por ele muitos anos mais tarde.

No Correio Paulistano de 27 de agosto, em uma longa coluna com o título “BOY-SCOUTS”, assinada por José Custódio Alves de Lima, é apresentado um resumo da história do aparecimento do escotismo. O autor termina a coluna defendendo o escotismo feminino.

*E se os “boy-scouts” estão já em plena
florescência, porque não temos também as
nossas “girl-scouts”, uma associação
idêntica das moças paulistas?*

E prossegue com argumentos a favor do escotismo feminino.

No adendo da coluna ele escreve:

Estavam escritas estas linhas quando se nos deparou no Estado a grata notícia de se terem incorporado à comissão regional de S. Paulo cerca de 21 escoteiras pertencentes às nossas mais distintas famílias.

Em tempo saudámos tão nobre e auspicioso movimento.

No dia 28 publica “O Estado de São Paulo”:

A seção feminina da A.B.E.

O conselho superior da A.B.E. resolveu, conforme já noticiamos, criar uma seção de escoteiras. Tal como existe na Inglaterra e outros países. A ideia foi logo acolhida no nosso meio e segue com o maior entusiasmo, já estando inscritas mais de 50 moças pertencentes às nossas mais distintas famílias.

Está sendo elaborado o regulamento interno desta seção para ser distribuído às interessadas.

Os trabalhos das escoteiras serão iniciados pela seção de ambulância e enfermaria.

As moças que desejarem aderir à A.B.E., podem enviar o consentimento de seus pais ou tutores para a caixa postal n. 679.

**Drs. Matta Cardim
e Mario Cardim**
Advogados

Escritorio em S. Paulo
Rua 15 de Novembro, 28 — Salas 5 e
11, sobrado, Casa Mappin.
Telephone, 2.327 — Caixa postal n.
679.

Escritorio em Santos
Advogado **ANTONIO CARDIM**
Rua 15 de Novembro, 171, sobrado —
Caixa postal n. 436.
Para todos os negocios forenses e com-
merciaes no Estado, capital da Republi-
ca e no Exterior.



Anúncio do Correio Paulistano de 27 de novembro de 1915

A caixa postal, mencionada na coluna da ABE, era do escritório de Mario Cardim e seu tio o também advogado José da Matta Cardim.

É interessante notar a constante menção de que as escoteiras pertenciam às melhores famílias de São Paulo.

A tentativa de levantar dados biográficos dessas primeiras escoteiras, está apresentada no Anexo 1. Alguns dos sobrenomes estão ligados a famílias tradicionais, descendentes de antigos nobres do império brasileiro (Silva Prado, Penteado, Barros, etc). Outros sobrenomes estão ligados a famílias de estrangeiros ou descendentes de estrangeiros, principalmente ingleses e americanos (Normanton, Backheuser, Coachman, etc.).

O Dr. João Ribeiro dos Santos, no seu livro “Os Dirigentes Adultos no Movimento Escoteiro”, preconizava para que o escotismo tivesse resultados imediatos:

- b) Conquistar o maior número possível de prosélitos especialmente nas melhores camadas da população.*
- c) Recrutar gente da melhor qualidade possível para os cargos de Escotistas e Dirigentes do Distrito Escoteiro e Conselho Local dos melhores bairros ou das cidades mais importantes, e para os cargos dos Grupos Escoteiros, que serão deliberadamente criados nos melhores clubes, escolas e igrejas.*

A ABE em geral, e a criação das escoteiras, intuitivamente seguiram esses preceitos.

Uma outra observação que deve ser feita é a de que em 1915, as Girl Guides, na Inglaterra, ainda estavam na sua fase dirigida por Agnes Baden-Powell, irmã do fundador. Esse conceito havia sido adotado nos Estados Unidos, e lá foi adotado o nome de “Girl Scouts”. Portanto, essas primeiras escoteiras da ABE, precisam ser estudadas dentro dos conceitos das primeiras Girl Guides. Depois de 1918, quando o movimento feminino passou a ser dirigido por Olave Baden-Powell, os conceitos foram sendo alterados, segundo a personalidade da esposa de BP, tal como relatado pelos historiadores do escotismo.

No Correio Paulistano de 29 de agosto é publicada uma notícia da Associação Athletica São Paulo, que havia promovido o evento de 1º de agosto onde os escoteiros participaram com as sócias:

- Com a organização da seção feminina da Associação Brasileira de Escoteiros, resolveu a diretoria da Associação Athletica S. Paulo, auxiliar tanto quanto possível esse passo agigantado daquela utilíssima instituição.

Assim, dispondo a Associação Athletica S. Paulo de várias salas em sua sede, resolveu po-las à disposição daquela sociedade e, bem como a enfermaria estabelecida no andar térreo.

As sócias desta associação serão também inscritas na Associação Brasileira de Escoteiras e, nesse sentido já foi oficializado à Associação Brasileira da Escoteiros, remetendo-se também a lista

das sócias, em número de cinquenta e duas.

Essa informação, de que a A.A. S. P havia inscrito 52 sócias como escoteiras, junto com a publicação no “O Estado de São Paulo”, do dia anterior, 28, reforça a ideia apresentada quando se relatou o evento do dia 1º de agosto, que a iniciativa da fundação das escoteiras na ABE, teve relação com a atividade em que os escoteiros participaram com sócias da AASP, e cuja foto ilustra a capa deste boletim.

Também deve ser notado que, aparentemente, as senhoritas buscaram se inscrever na Comissão Regional de São Paulo, antes de qualquer iniciativa da ABE. O que também contradiz a história contada por Mário Cardim anos depois.

Deve ser notado que não aparece nenhuma menção à Mrs. Crompton, que depois apareceria como líder das escoteiras.

SEMPRE ALERTA

Na mesma edição de 28 de agosto do “O Estado de São Paulo”, na coluna que se refere às escoteiras, já mencionada, um outro relato importante para a história do Escotismo Brasileiro aparece.

A coluna, que como nas demais divulgações oficiais da ABE tem o título “ESCOTISMO”, apresenta uma visão da “Organização do Escotismo Brasileiro” e do “Programa do escotismo”.

A organização do escotismo brasileiro

A organização adaptada pela Associação Brasileira de Escoteiros a fim de implantar o escotismo entre nós é semelhante à adaptação francesa, com as modificações necessárias ao nosso meio.

A A.B.E. possui um Conselho Superior que se encarrega de imprimir a todos os

trabalhos um caráter uniforme, seguindo um mesmo método de preparo e instrução.

Além do Conselho Superior existem as comissões regionais, com autonomia naquilo que se refere à vida íntima de cada uma delas.

Essas comissões regionais possuem suas diretorias e instrutores.

O escoteiro deverá contribuir com o pagamento de seis mil réis por ano, para o Conselho Superior e com uma quota de doze mil réis, máxima, para a sua respectiva comissão.

As contribuições feitas para o Conselho Superior são levadas para um fundo de reserva que acode às despesas de caráter geral em benefício igual de todas as comissões, tais como impressos, carteiras de identidade, que são fornecidas gratuitamente pelo Conselho Superior.

O programa do escotismo

Já temos por vezes mencionado o programa do escotismo e explicado a sua origem. Somente agora, porém, é que o escotismo se vai implantando, no nosso Estado e no Brasil, de forma que ainda é oportuno repetirmos esses dados interessantes.

O escotismo foi lançado na Inglaterra, sua pátria de origem pelo conhecido general Baden-Powell, depois da guerra do Transwaal.

Esse general observou que a educação dos boers em contato imediato com a natureza, proporcionou aos heroicos defensores de Mafeking qualidades físicas e morais até então desconhecidas. Ao regressar à sua pátria, escreveu seu famoso livro “Scouting for Boys” em que se traçava o programa geral de um novo método de

educação da mocidade entre 11 e 20 anos de idade.

Para que os escoteiros do Brasil apreendam mais facilmente os fins do escotismo, vamos começar hoje a transcrição de trechos do livro do notável general inglês:

“Quando se deseje ser escoteiro, procura-se uma patrulha próxima a cujo chefe se entrega a autorização os pais.

Os escoteiros da mesma patrulha devem ser tanto quanto possível da mesma idade. Um dentre eles é nomeado chefe e escolhe um substituto. Várias patrulhas reunidas formam um grupo, comandado por um instrutor.

Passado um mês de instrução faz-se o juramento do recruta que consiste em afirmar sob palavra de honra os três princípios seguintes:

1º - Cumprir os deveres para com a pátria;

2º - Ajudar os semelhantes em todas as circunstâncias;

3º - Obedecer a lei do Escoteiro.

Aprende-se em seguida o sinal de reconhecimento dos escoteiros, bem como o grito da patrulha. Cada patrulha usa o grito de um animal e cada escoteiro que dela faz parte é obrigado a imitar a voz desse animal para se comunicar com os demais. Podem escolher-se animais tais como lobos, águias etc. mas nunca se deve constituir uma patrulha de macacos indisciplinados, se não no caso de divertimento em comum. (SIC) É defeso a uma patrulha usar o grito privativo de outra.

A lei do escoteiro obriga-o a ser leal, amável, obediente e alegre. Os trabalhos

consistem principalmente nos exercícios e jogos que dão o treino indispensável.

Depois da prática de vários exercícios o recruta é submetido a provas para adquirir a classificação de escoteiro de primeira ou de segunda classe.

A divisa dos escoteiros resume-se nesse lema: -” Sempre Alerta”.

Indica esta divisa que os escoteiros devem de antemão estar preparados para não serem apanhados desprevenidos por qualquer acidente ou eventualidade de forma que se encontrem sempre em condições de saberem o que devem fazer em qualquer caso.

Nessa coluna do jornal aparece pela primeira vez a menção de que a **divisa do escoteiro é sempre alerta**. Esse fato contraria a versão de

que ela teria sido escolhida numa reunião entre Mário Cardim, Amadeu Amaral e Olavo Bilac.

Como a visita de Olavo Bilac a São Paulo, em 1915, levado por Amadeu Amaral, só ocorreu em outubro desse ano, pode-se deduzir que Mário Cardim já havia decidido pelo “Sempre Alerta”, como tradução do lema.

Como “Sempre Alerta” seria uma tradução muito tosca do “Be Prepared” de Baden-Powell, outra deve ter sido a razão da escolha.

A GÊNESE DO LEMA “SEMPRE ALERTA”

Já foi mencionado no Boletim 68 que não há definição do distintivo e divisa ou lema, no Estatuto da ABE, publicado em janeiro de 1915.

Como declarado reiteradamente pela ABE, a inspiração para o escotismo brasileiro vinha do escotismo francês.

Uma das possibilidades é de ter ocorrido um conflito entre o apresentado no estatuto da associação francesa e o livro “Manual do Escoteiro”, tradução do “Escotismo para Rapazes”, feita por Hermano Neves, que já circulava no Brasil desde outubro de 1914.

Mário Sérgio Cardim sempre afirmou que ele traduziu o lema do escotismo para o português.

Entretanto, não há evidências que Mário Cardim tenha tido acesso ao “Escotismo para Rapazes”, em inglês, no início da ABE. E se tivesse, seria muito improvável que ele traduziria “Be Prepared”, para “Sempre Alerta”.

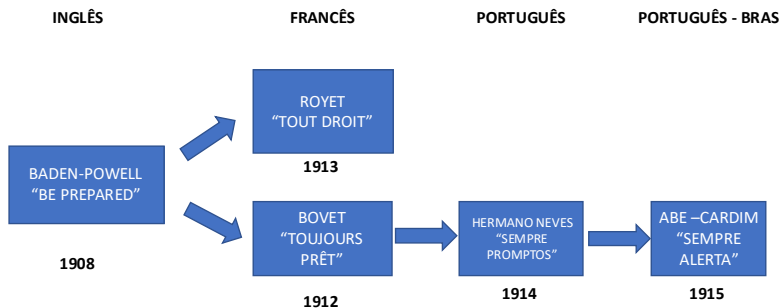
Até os desconhecedores da língua inglesa teriam a intuição de que “prepared”, seria mais convenientemente traduzido por “preparado”, já que os dicionários de inglês-português, traduzem “prepare” como verbo preparar, aprontar.

Como a coluna do dia 28 de agosto, do jornal “O Estado de São Paulo”, escrita com alta

probabilidade por Mário Cardim, cita o “Escotismo para Rapazes”, mas usa o texto traduzido por Hermano Neves, este foi certamente a origem da sua “tradução”.

O diagrama explica a sequência que originou o uso de “Sempre Alerta”, na opinião deste autor.

GÊNESE DO LEMA “SEMPRE ALERTA”



JOÃO A. BORDIGNON – MAR 2025

O texto apresentado no “Scouting for Boys”, 1ª Edição, 1908. Camp Fire Yarn No. 4, é o reproduzido a seguir:

The scouts' motto is founded on my initials, it is :

B E P R E P A R E D ,

which means, you are always to be in a state of readiness in mind and body to do your DUTY ;

Be Prepared in Mind by having disciplined yourself to be obedient to every order, and also by having thought out beforehand any accident or situation that might occur, so that you *know* the right thing to do at the right moment, and are willing to do it.

Be Prepared in Body by making yourself strong and active and *able* to do the right thing at the right moment, and do it.

Deve ser notado que além de apresentar o “motto” (lema), Baden-Powell explica que ele é baseado nas suas iniciais (BP – Be Prepared).

Quando da tradução para o francês, em 1912, Pierre Bovet, usa o termo “Toujours Prêt”, que pode ser colocado como Sempre Pronto ou Sempre Preparado, em português.

A seguir reproduzimos o que aparece no livro “Éclaireurs – Um Programme D’Éducation Civique”, que já usa o termo “devise” (divisa):

La devise de l'Éclaireur est :

TOUJOURS PRÊT

Cela signifie que vous devez avoir l'esprit et le corps toujours en état de faire votre devoir.

PRÊTS pour ce qui est de l'esprit : parce que vous vous serez donné à vous-mêmes la discipline qui permet d'obéir à n'importe quel ordre, et aussi parce que vous aurez d'avance pensé à tous

O livro “Manual do Escoteiro – Guia de Educação Cívica para Portugueses e Brasileiros”, tradução de Hermano Neves, que é reconhecido como uma tradução do francês e não do inglês, assim se refere à divisa:

Juramento
cripção. E' indispensavel tornai-as bem como
cidas.

A divisa dos Escuteiros é:

Sempre promptos.

Isto significa que os Escoteiros devem estar sempre, tanto espiritual como physicamente, em condições de cumprirem o seu dever.

Promptos espiritualmente: porque cada um a si mesmo impõe a disciplina que lhe dá obediência a qualquer ordem, tendo previamente formulado todos os incidentes e situações que por ventura possam apresentar-se; d'esta fôrma todos sabem como proceder no momento requerido, e facilmente se disporão á execução do dever.

Promptos physicamente, porque se terão antecipadamente tornado fortes, activos, capazes de fazer, no momento proprio, a acção que fôr preciso executar, e executá-la-hão.

A imagem da página do livro de Hermano Neves foi uma gentileza de Alexandre Banchi, que possui um exemplar do histórico livro.

Como conclusão, deduz-se que Cardim não traduziu a expressão “Be Prepared”, mas fez uma simples modificação do Manual do Escoteiro de Hermano Neves, substituindo “Sempre Prontos” por “Sempre Alerta”.

Com isso, distorceu o sentido original de Baden-Powell, cuja ênfase era “preparação”, por ênfase em “atenção”. Para estar preparado o escoteiro deveria seguir o aprendizado proposto por Baden-Powell, em todos os campos apresentados no “Escotismo Para Rapazes”. Só assim estaria preparado para, por exemplo, ajudar o próximo, ou servir à Pátria.

Já o termo “Alerta” era muito utilizado, no Brasil da época, para mencionar o dever dos goleiros de futebol, ou das sentinelas militares, que precisavam estar “alertas”, para que não fossem tomadas de surpresa, pelos adversários.

Talvez a intensa vida esportiva e militância no Tiro de Guerra, de Mário Cardim, tenha influenciado a sua escolha, na ignorância do termo original de Baden-Powell.

ANEXO 1

NOTAS BIOGRÁFICAS

Levantamento tentativo de notas biográficas das primeiras escoteiras.

A falta de maiores referências contemporâneas a instituição das escoteiras, na ABE, dificulta a acurácia desses resultados, que estão sujeitos a serem atualizados com melhores informações.

Maria Helena da Silva Prado, nascida em São Paulo em 8 de setembro de 1902, filha de Antonio Prado Júnior, amigo de Mario Cardim, e neta do conselheiro Antonio Prado. Sua mãe era Eglantina Leite Penteado. Maria Helena era prima de Maria Eugenia M. de Barros.

Casou-se em 13 de dezembro de 1920 em São Paulo, com Eduardo Mario da Silva Ramos, filho de Ernesto Rudge da Silva Ramos (descendente do barão de Antonina, João da Silva Machado), e Maria Chaves.

Faleceu em São Paulo em 28 de maio de 1979.

Maria Eugenia M. de Barros (provavelmente Maria Eugenia Monteiro de Barros), nascida em 8 de agosto de 1904, em São Paulo, filha de Carlos Augusto Monteiro de Barros e Herminia da Silva Prado Monteiro de Barros. No seu registro de batismo está anotado que se casou na igreja Saint-Honoré d'Eylau em Paris, em 25 de fevereiro de 1926 com Nicolas Avelaneda (Nicolás Avellaneda de Santamarina). Seu marido era neto do presidente argentino Nicolás Avellaneda. Era também neta do conselheiro Antonio Prado.

Edith Luné Porchat, filha de Reynaldo Porchat, e irmã de Oswaldo Porchat, escoteiro. Reynaldo Porchat foi eleito vice-presidente da primeira diretoria da ABE.

Nasceu em 30 de agosto de 1901, segundo a declaração do seu óbito. Sua mãe era Maria Julia de Luné Porchat. Edith, casou-se com

Eusebio Barbosa de Queiroz Matoso, em 4 de agosto de 1921, no Rio de Janeiro. Faleceu em 25 de maio de 1996.

Eusebio Matoso formou-se na turma 88 da Faculdade de Direito de São Paulo, em 1919. Teve pouca participação como advogado, mas atuou bastante em áreas bancárias e de desenvolvimento. Era diretor da Cia. Gopuva, que foi responsável pela construção da Av. Rebouças em São Paulo, onde a municipalidade não gastou com desapropriações. Eusébio doou inclusive terrenos de sua propriedade.

Nair P. Bellegarde (Nair Porchat Bellegarde), nascida em 20 de março de 1903, filha de Alfredo Ramalho Bellegarde (cirurgião dentista) e Carolina Porchat. Caroline era irmã de Reynaldo Porchat. Nair era, portanto, prima de Edith Porchat e Oswaldo Porchat. Casou-se

com Constantino Alves Nunes em 2 de maio de 1935. Faleceu em 31 de julho de 1972.

Olga Carrara – Foram encontrados dados de mais de uma Olga Carrara, o que impede sua identificação com segurança.

Maria Guedes Penteado, nasceu em 2 de fevereiro de 1897, em Campinas. Filha de Ignacio Penteado e Olivia Guedes Penteado. Faleceu em São Paulo em 15 de maio de 1962. Era neta do barão de Pirapitingui, José Guedes de Souza.

Maria tinha uma intensa vida social, esportiva e cultural, atuando como cantora lírica amadora, amazona campeã em concursos hípicas e

atividades patrióticas. Em 1917, foi madrinha do Batalhão Acadêmico.



Publicado na Revista “A Cigarra” de 30 de janeiro de 1918.

Graziella Normanton, nascida em 12 de janeiro de 1903 e falecida a 13 de agosto de 1986, em São Paulo. Filha de Arthur Normanton e Margarida Maria Ansaldo. Casou-se em 17 de maio de 1926, com Oswaldo Luné Porchat, já mencionado. Graziella era praticante

de hipismo, onde se destacou com vários campeonatos.

France Normanton, (France Jeanne Marie Normanton) nasceu em 8 de janeiro de 1900 e faleceu em 24 de abril de 1978. Casou-se em 16 de novembro de 1925 com Plínio Medeiros Estella. Plínio participou da revolução de 1932 no batalhão da Justiça e France auxiliou na Cruz Vermelha.



Foto do “O Commercio de São Paulo” de 12 de agosto de 1908.

Olga Ekman (Olga Jaguaribe Ekman) nasceu em 19 de março de 1899 e faleceu em 2 de janeiro de 1990. Sua mãe, Flora Jaguaribe, era filha do Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe. Casou-se com Raul Silveira Simões em 26 de dezembro 1922. Raul era colega de faculdade de Paulo de Moraes Barros Filho, sobrinho de Mário Cardim na Escola Politécnica.



Imagem de Olga Ekman postada no site FamilySearch, melhorada por IA

Betty ou, Elizabeth, ou Bety Backheuser, casada com Mario Conceição, segundo o jornal Diário Nacional. Era filha de Luiz Alberto Backheuser e Eugenia Teodora Carpenter Page. Nasceu provavelmente em 1902 e faleceu em 25 de agosto de 1988, em São Paulo. Foi sepultada em Santos. Mario era filho de Júlio Conceição. Em 1936, Betty estava vivendo em Santos.

Hilda Backheuser, irmã de Betty, nasceu em 14 de outubro de 1899, em Santos. Faleceu em 13 de agosto de 1968. Casou-se com Alfredo Ellis Junior, famoso político, historiador e professor (vide Wikipedia), em 6 de setembro de 1919. Alfredo estava listado entre os primeiros escoteiros inscritos na ABE.

Laura Coachman (Laura C. Shalders Coachman) nasceu em 12 de junho de 1898, em Petropolis. Em 1909 frequentava a Escola Americana. Em 1915 estudava no Colégio Progresso Brasileiro. Casou-se em 1 de agosto de 1926, em Easton, Pennsylvnia, com Charles Clare Richard Varty. Faleceu em 30 de agosto de 1996, em Winter Haven, Polk, Florida, nos Estados Unidos.



Foto de Laura Coachman

Joyce Coachman, (Joyce Keyes Coachman) depois de casada Joyce Coachman Huber. Em 1909 frequentava a Escola Americana Nasceu

em 5 de maio de 1900, em Petropolis e faleceu em 16 de setembro de 1994, no Rio de Janeiro. Apesar de ter nascido no Brasil tinha nacionalidade americana. Casada com Gilbert Jacob Huber.



Foto de Joyce em uma ficha consular de 1946

Marina Amarante, nascida em 14 de agosto de 1897 e falecida em julho de 1937. Casou-se com Antonio José Levy.

Angelica Vidigal de Campos – Foi encontrada Angelica Rangel de Freitas Vidigal, nascida em 10 de janeiro de 1896, em São Paulo. Casou-se com Carlos de Campos Júnior em 1º de setembro de 1913. Em 1914 já tinha um filho chamado Dirceu Luiz. Faleceu em São Paulo em 24 de janeiro de 1969. Teoricamente estava dentro do limite de idade estabelecido pela ABE, de 20 anos.

Marilia de Campos, irmã de Carlos de Campos Júnior, marido de Angelica Vidigal de Campos. Nasceu no ano de 1899. Um anúncio de matrimônio, em 1917, informa que Marilia de Campos, filha de Augusto Luiz de Campos e Maria Augusta de Campos, com 19 anos de idade, natural de São Paulo capital, pretendia casar-se com Thassilo de Sampaio Mitke, de 19 anos filho de Augusto Mitke e Ester de

Sampaio Mitke, natural da capital federal e comerciante na cidade.

O jornal Correio Paulistano informa de dispensa de certas formalidades para o casamento pela cúria metropolitana.

O casal mudou-se para o Rio de Janeiro onde tiveram diversos filhos.

Faleceu em 28 de fevereiro de 1980, no Rio de Janeiro.

Seu marido foi jornalista, diretor do jornal “O Dia”, no Rio de Janeiro e correspondente de guerra, durante a Segunda Guerra Mundial, sobre a qual escreveu um livro junto com Joel Silveira.



Marina Baptista das Neves, nasceu em São Paulo em 3 de abril de 1897 e faleceu no Rio de Janeiro em 16 de agosto de 1973. Filha de João Baptista das Neves e Maria Elisa Rodrigues de Barros. Casou-se com Godofredo Borges Gonçalves.

Zaira Vanorden – nascimento em 6 de março de 1901, em São Paulo, falecimento em 11 de outubro de 1998, também em São Paulo. Filha de Henrique José Vanorden, da Casa Vanorden, que imprimiu, entre outros documentos, os primeiros Estatutos da ABE aprovados em 1914. Quando Henrique faleceu, suas duas filhas Zaira e Dulce estavam nos Estados Unidos. Casada com Humberto Ratto.

Dulce Vanorden nascida em 1903. Irmã de Zaira. Casada com Mario Interlenghi. Faleceu em 1981, no Rio de Janeiro.

Evangelina Toledo. (Evangelina de Toledo). Nasceu em 31 de outubro de 1895. Filha de Álvaro de Toledo e Escolástica Martins da Silva. Casou-se em 8 de maio de 1917, aos 22 anos, com Nuno Guerner de Almeida, médico.

Aurora Catta-Preta. Até o momento não foram encontradas informações.

Se você se interessa pela história do escotismo e tem algo a colaborar com o esforço de recuperação da memória do escotismo paranaense, ou conhece alguém que se interessa, escreva para o e-mail historia@escoteirospr.org.br.

Pesquisa e Produção: João Alberto Bordignon

Revisão: Fernando Gerlach

Rua Ermelino de Leão, 492 - São Francisco

CEP 80410-230 - Curitiba - PR

(41) 3323-1031

Escoteiros do Brasil - Região do Paraná